

## O trabalho segundo a visão de um grupo de aposentados

*Working within the vision of a group of retirees*

Alessandra Cássia Ribeiro Chrisostomo  
Rosa Macedo

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo conhecer e compreender o significado do trabalho na vida de seis aposentados da AAPS-Associação dos Aposentados e Pensionistas da Sabesp, São Paulo (SP); sendo que três deles, de início, pararam de trabalhar, voltando, porém, logo depois a trabalhar; três outros continuaram profissionalmente ativos mesmo após a aposentadoria. A metodologia baseou-se em pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso coletivo. O conhecimento gerado demonstrou que o principal motivo para a continuação do trabalho não foi o fator financeiro e nem tampouco a gratificação do trabalho em si, mas a dificuldade em permanecer na convivência todo o tempo com suas famílias.

**Palavras-chave:** Aposentados; Trabalho; Família.

**ABSTRACT:** *This study aims to know and understand the working meaning in the life of six retirees from the AAPS, São Paulo (SP); three stopped and returned and three remained professionally active. The methodology used was based on qualitative research design of collective case study. Results showed that the main reason for the continuation of the work or the resumption of this was not financial, nor has the bonus of the work itself, but the difficulty in staying with their families.*

**Keywords:** *Retirees; Working; Family.*

## **Introdução**

Até 1980, o Brasil ainda poderia ser considerado um país com população eminentemente jovem; a partir de então, a diminuição da taxa de natalidade e o aumento contínuo da expectativa de vida, observados nas últimas décadas, vêm alterando gradualmente esse perfil.

Ressaltar números em torno da velhice é chamar a atenção para a questão de que as pessoas viverão o maior período de suas vidas como idosas, pois os anos vividos nesta fase são maiores do que em qualquer outra, seja como criança, jovem ou adulto. Por isso, torna-se urgente rever valores, firmar conceitos e instituir práticas na direção de apreender as oportunidades psicossociais envolvidas nessa longa fase da vida.

Tanto o envelhecimento humano quanto a velhice foram durante muito tempo objetos de estudo da medicina. A partir de meados do século XX, um outro questionamento é levantado. As alterações demográficas verificadas durante o século findo, produzidas no contexto das profundas transformações sociais e econômicas que atravessam as nossas sociedades, levantam questões sobre a interdependência entre o envelhecimento humano e social, e seu impacto nas estruturas familiares, na economia, na proteção social, no direito, nas representações sociais sobre a vida, na morte, nas práticas culturais etc. Estas questões deram origem a uma visão interdisciplinar do conhecimento: a visão gerontológica.

O território desta área do conhecimento apresenta uma diversidade e uma complexidade crescente, bem como lança grandes questões do envelhecer nas sociedades contemporâneas, pois os “*seniores*” de hoje são a primeira geração a experimentar e a viver uma vida adulta prolongada, marcada por uma multiplicidade de papéis. Neste ambiente de oportunidades e de potencialidades, coexistem as gerações mais velhas que enfrentam mais anos de vida e a velhice em maior desvantagem e dificuldade por razões não só da sua própria história como da desadaptação dos seus contextos a esta nova realidade.

Segundo Quaresma (2006), as transformações associadas a mais e melhores oportunidades para os que hoje fazem a transição atividade/reforma são geradoras de novos riscos diante do envelhecimento, tanto para a sociedade como para os indivíduos. Dentre eles, os riscos sociais, tais como o isolamento e a solidão, devido às mudanças nos modos de vida e nas formas de sociabilidade e convivência, designadamente intrafamiliares; riscos ambientais, tais como a

acessibilidade, *habitat*, vida urbana não adaptada a uma população urbana envelhecida e riscos de saúde, em especial, de incapacidades por doenças crônicas, podendo conduzir à dependência.

Inúmeras pessoas têm-se aposentado, e em diferentes momentos de suas vidas: algumas mais cedo, outras mais tardiamente, pessoas que pararam de trabalhar em definitivo, outras que pararam e por algum motivo voltaram, e outras que optaram por não parar de trabalhar, mesmo com a chegada da aposentadoria.

A aposentadoria é, de fato, uma transição importante na vida do idoso, que pode ser encarada de forma positiva ou não, conforme sua história, expectativas e experiências.

O trabalho, como categoria, na perspectiva psicológica, é uma afirmação da auto-estima e com uma função séria na sociedade; enquanto processo produtivo é assimilado sob aspectos fisiológicos, morais, sociais e econômicos. O trabalho ocupa um importante espaço na vida humana. Ao se aposentar, grande número de pessoas perde seu ponto de referência; não será mais o fulano da empresa X. As consequências, muitas vezes, são desastrosas: depressões, doenças físicas e emocionais.

Sob esse ponto de vista, o presente artigo resultante de nossa pesquisa objetivou compreender o significado do trabalho na visão de aposentados, que continuaram a trabalhar após a aposentadoria.

Para compreendermos o fenômeno do trabalho na visão dos aposentados, pensamos ser fundamental conhecermos algumas variáveis que fazem parte deste processo direta ou indiretamente, tais como: a família, os aspectos subjetivos e o próprio trabalho, a fim de possibilitar uma visão contextualizada deste último.

Optamos pela Abordagem Sistêmica que, segundo Grandesso (2000), concebe o mundo de forma holística e/ou ecológica, em que o universo é uma rede de inter-relações. Nada existe senão em relação. Vivemos num mundo globalmente interligado, no qual fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes, intimamente interligados e sistêmicos. Tal como a esse respeito, diz-nos Capra: “Nenhuma teoria ou modelo será mais fundamental do que o outro e todos eles terão que ser compatíveis”. (1982: 260).

Para tanto, foi utilizada, como instrumento metodológico, a entrevista semi-estruturada, aplicada em seis aposentados, integrantes da AAPS-Associação dos Aposentados e Pensionistas da Sabesp, com diferentes níveis de escolaridade e profissões, sendo assim qualificados: três que pararam e retornaram e três que continuaram trabalhando.

### **Idoso: a importância do trabalho e da aposentadoria**

Em sua acepção mais geral, o trabalho designa toda a atividade de transformação da matéria natural em produto voltado à satisfação de necessidades humanas.

Albornoz (1992) considera que o trabalho é esforço e resultado; é processo, ação e obra concluída.

Os primeiros trabalhos do ser humano eram manuais e, como parte de seu desenvolvimento, criaram-se instrumentos para executá-los; instrumentos que serviam de mediadores do ato de transformação da matéria em produto. Sell (2002: 25) conceitua o trabalho ligado às suas condições desta forma:

Trabalho é tudo o que a pessoa faz para manter-se e desenvolver-se e para manter e desenvolver a sociedade, dentro dos limites estabelecidos por esta sociedade. E, o conceito de condições de trabalho inclui tudo que influencia o próprio trabalho, como ambiente, tarefa, posto, meios de produção, organização do trabalho, as relações entre produção e salário.

Para a vida de muitas pessoas, o trabalho pode ocupar um vazio existencial e social, originando-se daí, a sensação de que não se pode viver sem ele.

As diferentes formas pelas quais os sujeitos idosos percebem o trabalho e a aposentadoria podem ser configuradas por meio da história de vida de cada um.

O trabalho pode representar, por um lado, uma realização em si mesmo, uma fonte de criatividade; por outro lado, ele pode ser, porém, sinônimo de limitação, fadiga, alienação de uma pessoa. Não importando a forma como é concebido, o trabalho não deixa de representar um fator de integração e engajamento social. Durante toda a sua vida, o sujeito é levado a considerá-lo como a sequência lógica e natural de uma vida adaptada e normal. Mesmo nos períodos de infância e adolescência, o ser humano já se prepara, com os estudos, para representar um papel profissional.

É o trabalho um fator constitutivo do significado da vida das pessoas, uma vez que estas vivem ao redor de sua atividade profissional. Uma pergunta comum quando se conhece uma pessoa

é perguntar-lhe: *Onde você trabalha?* ou *O que você faz?* Via de regra, é a pessoa vista conforme o papel que ocupa em uma organização, o lugar e o conseqüente poder de que dispõe.

É o trabalho o principal organizador da vida humana. Horários, atividades, relacionamentos são determinados conforme as respectivas exigências; muitas vezes, as organizações se tornam um sobrenome, um ponto de referência e prestígio.

O trabalho, como instituição, oferece às pessoas um ambiente estruturante, um sistema de referência. Através das instituições, as pessoas se tornam partes de um grupo social, e encontram a partir dele sua identidade social, seu *status*, seu papel e seu engajamento social.

Em nossa sociedade, o trabalho é o lugar privilegiado das referências sociais. Ele estrutura o espaço, o tempo e as relações sociais e, como valor econômico, ele constitui o meio principal de independência da maioria dos trabalhadores. Ele pode ser associado à segurança econômica e, em certas profissões, à realização pessoal, na medida em que ele pode ser fonte de poder, de independência e de reconhecimento. Cada pessoa investe mais ou menos em seu papel profissional, segundo suas necessidades, motivações e aspirações.

O significado do trabalho na sociedade contemporânea pode ser pensado sob três ângulos, não necessariamente antagônicos: - como fonte de realização pessoal que pode conferir *status* e constituir elemento de afirmação econômica; - em sua dimensão instrumental, como elemento de apropriação da autonomia das pessoas, na qual a realização se torna secundária, e a necessidade econômica, fundamental, sendo o tempo dedicado ao trabalho ampliado na proporção inversa às possibilidades de ganho para a realização pessoal; - e, como elemento que permanece central na constituição das identidades. (Scalon & Araujo, 2005).

Considerando o contexto geral em que está inserido o papel do trabalho, especialmente nas culturas ocidentais, pode-se fazer referência à visão marxista; nesta, o trabalho é uma das bases de sustentação do funcionamento das economias de modelo capitalista, predominantes no mundo em que vivemos, refletindo ele uma forma desenvolvida de sociedade mercantil baseada em relações de troca; é quando a riqueza é vista como acúmulo de mercadorias, e o trabalho valorizado pelos produtos que faz gerar. (Lemos, 2003).

Ao se admitir a importância que tem o trabalho na sociedade e na vida de uma pessoa, é possível compreender o que pode representar a perda deste papel em certos momentos da vida como aquele da aposentadoria.

### **Aposentadoria: crise ou libertação?**

Tanto o processo de envelhecimento quanto o de aposentadoria ocorrem de maneira diferente na vida de cada pessoa, e a forma com que são vividos e sentidos dependerá da vida social, da relação da própria pessoa com o trabalho, das relações familiares desta pessoa, dos papéis sociais que ela desempenha, do modo de ser de cada uma, do suporte financeiro que representa, dos seus projetos e de muitos outros fatores que fazem parte de sua vida.

Para a sociedade capitalista que idolatra o trabalho e a produção, em detrimento do homem, a aposentadoria é frequentemente a perda do próprio sentido da vida, “uma morte social”. A aposentadoria é, por um lado, um “repouso merecido”, isto é um direito conquistado pelos trabalhadores; é ela também a institucionalização da perda da capacidade produtiva e, em consequência, a desvalorização do homem. A verdade é que a sociedade concede a aposentadoria, mas valoriza apenas as pessoas que produzem.

A aposentadoria, na verdade, é o atestado oficial do envelhecimento. Ela representa o fim de um longo período da vida. É uma situação agravada pela ideia da velhice e da morte. E, como em toda situação de mudança, a pessoa viverá uma perda, seja a perda de uma situação já conhecida, ou mesmo de um papel.

Para Fraiman (1986), a aposentadoria tem vários significados, a que classifica como: os desejados (liberdade, usufruto); os abominados (tempo de exclusão, perdas, dependência); os previstos positivos (liberação do trabalho, tempo de lazer, desenvolvimento pessoal); os previstos negativos (isolamento social, doença, depressão, alcoolismo, morte); e os imprevistos (desde viuvez até ganhar na loteria, desde a desestruturação até a reconstrução de uma nova vida).

Segundo Beauvoir (1990), a aposentadoria, na visão do homem, introduz uma radical descontinuidade: há ruptura com o passado, com o homem devendo adaptar-se a uma nova condição, que lhe traz, além de certas vantagens — descanso, lazer —, também graves desvantagens — empobrecimento, desqualificação.

Essa célebre autora estudiosa do envelhecimento humano reforça sua ideia quando afirma que a pior morte para um indivíduo é perder o que forma o centro de sua vida, e que faz dele o que realmente é. Aposentadoria é a palavra mais repugnante da língua. Seja escolha nossa ou imposição

do destino, aposentar-se é abandonar nossas ocupações que fazem de nós o que somos; equivale a descer ao túmulo. (Beauvoir, 1990).

Outro aspecto presente na aposentadoria é a redução do círculo social, que pode levar à solidão, o que predispõe o idoso à falta de preocupação consigo próprio que, somada à diminuição de estímulos tanto internos quanto externos, ambas podem levar o idoso a ter também uma alimentação inadequada e, conseqüentemente, colocar sua vida em risco. (Alvarenga, Kiyam, Bitencourt & Wanderley, 2009).

Muitas empresas encontraram a solução na aposentadoria parcial. Os trabalhadores diminuem seu período de trabalho, mas continuam envolvidos nas atividades, auxiliando, ajudando na evolução dos novos líderes e vivenciando, lentamente, sua mudança para a aposentadoria.

Defendemos, acima de tudo, a complexidade no estudo de todos os fenômenos envolvidos, pois cada pessoa atribui seu significado pessoal ao tempo da aposentadoria, seja como um tempo de descanso, de não fazer nada, ou como um tempo para viajar, ou para frequentar grupos de convivência, ou como um tempo para resgatar antigos sonhos ou talentos reprimidos, ou como um tempo para o trabalho, por prazer ou por necessidade; enfim, seja qual for o significado do trabalho, ele é único e particular.

Para Khoury, Ferreira, Araújo-de-Souza, Matos & Barbagelata-Góes (2010), existe uma maior influência de fatores psicossociais na decisão dos aposentados retornarem ou permanecerem no trabalho do que fatores econômicos ou financeiros, mesmo entre aposentados de baixa renda. Os resultados apresentados em seu estudo demonstraram que os aposentados investigados voltaram ao trabalho porque queriam se sentir produtivos. A necessidade de aumentar a renda, embora tenha a sua importância, não foi a motivação mais relevante, além de ter concorrido com as necessidades de convivência com outras pessoas e de atualização.

E se a pessoa ao longo de sua vida construiu outras fontes de prazer além do trabalho, tanto a reestruturação de sua identidade de aposentado, quanto o enfrentamento desta nova fase em sua vida, tornam-se mais fáceis de serem vividos. (Alvarenga *et al.*, 2009).

E este novo momento da vida exige um procedimento de reestruturação do aspecto individual e do social, e na mesma proporção o Estado assim como nós, a sociedade enfim, devemos todos contribuir na construção de novas possibilidades, e com respeito por todas as escolhas e formas com que se deseja envelhecer.

## O idoso e a família

Definir família não é uma tarefa fácil. Pode-se afirmar que família não é uma expressão passível de conceituação. Consegue-se descrever as várias estruturas assumidas pela família, mas integrar suas várias configurações numa pauta conceitual se torna difícil. São tantas as variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas ou religiosas que interferem na constituição da família que, pensar em abarcá-las, torna-se paralisante.

Osório (1996: 15) cita uma definição que é bastante genérica: “[...] família é a unidade básica da interação social”, e afirma que essa definição não torna possível situar a família como agrupamento humano no contexto sócio-histórico. Ao tecer suas reflexões, o autor vai se dando conta de que, diante de tantas variáveis interferentes, a família pode ser considerada o modelo natural que assegura a sobrevivência biológica da espécie; mas também afirma que não se pode dissociar a função biológica da função psicossocial, pois o grupo se constitui em vínculos peculiares, o que o situa como a célula primordial de toda e qualquer cultura.

O envelhecimento da população é acompanhado pelo envelhecimento do indivíduo, e assim nas famílias atuais existe pelo menos um idoso. Esse processo altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade.

Apesar da importância do papel da família na vida de uma pessoa, esteja ela em qualquer fase de seu ciclo vital, tem-se verificado uma redução do número de filhos e uma instabilidade dos laços conjugais; este cenário pode indicar que, no futuro, o suporte vindo da família nuclear tenha que ser revisto, tanto para os homens quanto para as mulheres. Talvez o percentual de idosos sem apoio ou com apoio de não parentes e não co-residentes aumente. Isso indica que a sociedade e as pessoas devem preocupar-se desde já com a disponibilidade de auxílios, não baseados no vínculo conjugal e na parentalidade, para as gerações de idosos do futuro.

Em contrapartida ao que vimos até aqui, outros estudos defendem a ideia de que o fato de os idosos morarem com seus filhos não seja sinônimo de respeito e nem de ausência de maus tratos, isolamento ou negligência. Podemos pensar sobre o fato de inúmeras denúncias contra idosos aparecerem nos casos em que diferentes gerações convivem na mesma casa, porque muitas vezes o convívio de várias gerações, em uma única unidade doméstica, pode gerar inúmeros conflitos, e, conseqüentemente, não ser garantia de uma velhice bem-sucedida.



Segundo Debert (2004), pesquisas efetuadas recentemente, em países europeus e nos Estados Unidos, mostram que a proporção de idosos morando com suas famílias têm diminuído nos últimos anos; estes novos arranjos de moradia devem-se ao fato da diminuição das unidades domésticas.

Estudos sugerem que estas novas formas de arranjos familiares não devem ser percebidas como reflexo de um abandono por parte de seus familiares, pois tanto toda a assistência quanto a troca afetiva podem continuar ocorrendo de forma intensa.

Para Debert (2004), mais do que a convivência num espaço heterogêneo, do ponto de vista cronológico, é a segregação que permite a ampliação de sua rede de relações sociais, papéis sociais anteriormente perdidos são reencontrados, o aumento do número de atividades e de redes de solidariedade são desenvolvidas de maneira intensa, os vínculos com os filhos ficam mais amistosos e, em decorrência, uma satisfação maior na velhice. É essa a conclusão a que chegam os estudos sobre idosos vivendo em conjuntos residenciais segregados ou em condomínios fechados com serviços e outras facilidades ou, ainda em hotéis.

### **Considerações Finais**

Os desafios da execução desta pesquisa científica, que foca a noção de trabalho sob a visão de um grupo de aposentados, foram enfrentados e cremos que os respectivos objetivos, em certa medida alcançados. Senão vejamos: um dos aspectos analisados foi aquele que diz respeito ao relacionamento familiar. Pudemos verificar a existência da transmissão multigeracional de modelos familiares em dois grupos de aposentados, principalmente, no que tange às escolhas profissionais, e determinados atributos, como disciplina e determinação, repetidos de geração em geração ao longo do tempo.

Quanto ao significado da velhice, os dois grupos atribuíram-lhe aspectos positivos, tais como: uma fase de tranquilidade, de maturidade, de recomeço, um momento na vida de pensar mais em si, e de manter boas expectativas quanto ao futuro.

Em relação ao trabalho, e sua representação para a imagem de uma pessoa, este fator apareceu como uma atribuição de cidadania, dignidade, força, valorização pessoal. Além disso,

pudemos perceber que o trabalho tem também uma função de preenchimento da vida, como uma ocupação contra um vazio existencial.

Apesar de os sujeitos avaliados apresentarem uma visão positiva da velhice, o principal motivo alegado para a continuidade ou a retomada do trabalho não foi o financeiro e nem tampouco a gratificação do trabalho em si, mas a dificuldade em permanecer continuamente em casa, provavelmente pela falta de contato social, por uma rotina empobrecida etc.

Apenas um dos entrevistados, integrante do grupo dos que continuaram trabalhando, relatou que o motivo pelo qual o fez continuar na ativa foi o fato de gostar do que faz e pela consequente ajuda financeira.

Um outro aposentado pertencente também a este grupo citou o fator financeiro; neste caso, percebemos em sua narrativa, um certo descontentamento em relação ao trabalho que efetuava, sendo este um meio de ocupar seu tempo e lhe dar rendimentos, e não de enriquecê-lo profissional ou pessoalmente.

Um dos resultados, que mais chamou a atenção, foi o de que quatro aposentados atribuíram ao trabalho a única razão em suas vidas, dizendo que o trabalho preserva as relações familiares e que não havia motivação alguma para não trabalhar; notamos em suas narrativas dificuldades em estar com suas famílias, como se não houvesse motivo para isto. Parece que não se sentem pertencendo ao núcleo familiar ou não desenvolveram relações de proximidade e troca afetiva, para tornar agradável ou com sentido a permanência em casa. Esta questão parece ser comum e estar ligada aos padrões relacionais mais patriarcais em que o homem é mais periférico ou do espaço público, enquanto a casa é domínio da mulher. Dessa forma, esses trabalhadores se sentem deslocados no ambiente doméstico.

Trabalhar serve também como um meio de contornar um casamento insatisfatório, devido a uma série de problemas relacionais, principalmente nos últimos estágios do ciclo vital, quando os filhos não estão mais em casa. Este dado nos fez refletir a respeito da relevância das relações humanas fora e dentro da família.

O período da aposentadoria sinaliza uma nova fase na vida do indivíduo, que pode ser vislumbrada como uma oportunidade de realizar projetos, desenvolver aptidões, rever o relacionamento a dois no casamento. Pode, pois, ser caracterizado como uma grande fase de possibilidade do lazer, da realização pessoal e do investimento em si próprio. Ou, pelo contrário, como um período de crise, um tempo de vazio e de perda de referência.

O que nos fica mais evidenciado é que a maneira como cada um irá lidar com os novos acontecimentos vai depender, entre outros aspectos, do seu auto-conceito e de sua auto-estima; sentimentos que estão ligados principalmente às suas interações familiares passadas e presentes.

A solidão é uma grande ameaça para o aposentado. É preciso, por conseguinte, que este seja acolhido, reconhecido e valorizado. Torna-se importante, pois, valorizar sua presença, sua companhia, testemunhar a vida realizadora que apresentou, por tudo que viveu, pela família que criou e pelas atividades que ainda poderá vir a desempenhar.

Pensamos que é na família que as pessoas podem encontrar recursos para viver, de forma mais afetiva e criativa, esta nova jornada, esta etapa de confronto de sonhos, realizações, ganhos, perdas e nova realidade; é necessário, portanto, ter havido o cultivo das relações familiares em todos os momentos da vida, para que não falte esse apoio nas fases mais avançadas da existência, quando então tais relações familiares assumem a parte mais significativa da rede pessoal de todo o ser humano.

Recebido em 08/10/2010

Aceito em \_\_\_/\_\_\_/2010

---

## Referências

Albornoz, S. (1992). *O que é o trabalho*. São Paulo: Brasiliense.

Alvarenga, L.N.; Kiyam, L.; Bitencourt, B. & Wanderley, K.da S. (2009). Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso. *Revista Esc Enferm USP*, 43(4), 796-802. São Paulo.

Beauvoir, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo. La diferenciación de si mismo en el sistema familiar*. Barcelona, Espanha: Paidós.

Bulla, L.C. & K.C.O. (2003, dezembro). Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. *Virtual Textos & Contextos*, 2. (Ano II). Recuperado em 2 abril, 2008.

Capra, F. (1982). *A Conceção sistêmica da vida. Ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.

Cervený, C.M.O. (2000). *A família como modelo – desconstruindo a patologia*. Campinas: Livro Pleno.

\_\_\_\_\_; Berthoud, C.M.E. & cols. (1997). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Debert, G.G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização da velhice*. São Paulo: EditUSP-Fapesp.
- Denzin, N.K. & Lincoln, Y.S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Digiovanni, R. (2004). *Família e envelhecimento*. São Paulo: FGV.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fraiman, A.P. (1986). *Coisas da cidade*. São Paulo: Cortez.
- Grandesso, M.A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Khoury, H.T.T.; Ferreira, A.de J.C.; Araújo-de-Souza, R.; Matos, A.P.de & Barbagelata-Góes, S. (2010, junho). Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. *Revista Kairós-Gerontologia*, 13(1), 147-65. São Paulo.
- Lemos, V.C.H. (2003, setembro). O valor da atividade não remunerada realizada por pessoas maiores de sessenta anos. *Serviço Social & Sociedade*, 75: 114-26. São Paulo.
- Osório, L.C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Quaresma, M.L. (2006). *Gerontologia e Gerontologia Social*. In: Medeiros, S.R. *Revista Kairós-Gerontologia*: 19-42. NEPE-Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento/PUC-SP. São Paulo: EDUC.
- Scalon, C. & Araujo, C. (2005). *Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil*. In: Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: EdFGV.
- Sell, A. (2002). *Ninguém vive sem política*. Porto Alegre: Palmarinca.

Recebido em 23/02/2011

Aceito em 30/03/2011

**Alessandra Cássia Ribeiro Chrisostomo** – Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica-Núcleo Família e Comunidade/PUC-SP, Terapeuta Familiar Sistêmica, Doutoranda no Programa de Saúde Coletiva/UNIFESP.

E-mail: psicoale@terra.com.br.

**Rosa Maria Stefanini de Macedo** - Doutora em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-Doutorado pela University of Massachusetts Medical Center of the Berkshires, Pós-Doutorado pela University of Illinois, Pós-Doutorado pela Fundacion Interfas Docente no Programa de Psicologia Clínica- Núcleo Família e Comunidade/PUC-SP.

E-mail: rosamacedo@pucsp.br.